

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA EM GESTÃO  
EDUCACIONAL**

**GESTÃO EDUCACIONAL: A INCLUSÃO DE AUTISTAS NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**Adriana Demarqui Rosato**

**Tio Hugo, RS, Brasil  
2012**

# **GESTÃO EDUCACIONAL: A INCLUSÃO DE AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

por

**Adriana Demarqui Rosato**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade  
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para  
obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Natália Pergher Miranda**

**Tio Hugo, RS, Brasil  
2012**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação a distância em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Monografia de Especialização

**GESTÃO EDUCACIONAL: A INCLUSÃO DE AUTISTAS NO  
CONTEXTO ESCOLAR**

elaborada por  
**Adriana Demarqui Rosato**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**Comissão Examinadora**

---

**Natália Pergher Miranda, Ms. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Marta Roseli de Azeredo Barichello, Dr. (UFSM)**

---

**Maria Eliza Rosa Gama, Dr. (UFSM)**

---

**Izabel Cristina Uaska Hepp, Ms. (UFSM)**  
(Suplente)

Tio Hugo, 30 de Novembro de 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

À orientadora Natália Pergher Miranda, pelo carinho, dedicação, competência e paciência, muita paciência, na orientação deste trabalho. A você, Natália, muito obrigada.

A toda equipe de Professores e Tutores de que é composta a EAD da UFSM, Pólo de Tio Hugo (RS), pela disponibilidade em ofertar uma Especialização de qualidade, proporcionando a muitos professores (alunos) a oportunidade de continuar seus estudos.

À Escola, participante da pesquisa que “abriu suas portas”, e prontamente colaborou com a pesquisa respondendo as perguntas propostas na entrevista.

À toda minha família, incluindo pai, mãe, irmãos e namorado, dos quais sempre obtive apoio e motivação no decorrer de meus estudos.

## EPÍGRAFE

*“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa,  
nunca tem medo e  
nunca se arrepende.”*

*(Leonardo Da Vinci)*

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **GESTÃO EDUCACIONAL: A INCLUSÃO DE AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

AUTORA: ADRIANA DEMARQUI ROSATO  
ORIENTADORA: NATÁLIA PERGHER MIRANDA  
Data e Local da Defesa: Tio Hugo, 30 de Novembro de 2012.

Diante de um contexto de inclusão, a escola depara-se com diferentes demandas, tendo de atender cada sujeito de acordo com suas “limitações e diferenças” e oportunizar a participação destes no processo de ensino-aprendizagem, como qualquer outro aluno, em acordo com os dispositivos legais vigentes. Logo, dentre os sujeitos assistidos pelas premissas de inclusão escolar estão os alunos portadores de autismo uma síndrome que a cada dia, vem recebendo maior número de diagnósticos. Sendo assim, as concepções de Gestão Educacional passam a fazer parte deste panorama, tendo papel fundamental no decorrer do processo de inclusão escolar. Neste sentido, apresento neste trabalho, que se insere na linha de pesquisa de *Gestão da Organização Escolar*, as percepções dos gestores educacionais frente ao processo de inclusão de crianças autistas no contexto escolar. Sendo assim, tem-se como objetivo principal: *Compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino, considerando a atual proposta de Gestão Educacional*. A pesquisa de caráter qualitativo tem como base e como instrumento de coleta de dados a entrevista de prática reflexiva (SZYMANSKI, 2004), buscando localizar aspectos que venham ao encontro dos objetivos do trabalho. A análise dos dados coletados baseou-se nos pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Como referenciais teóricos para a análise utilizou-se autores como: Lück (2001), Revière (1995), Mantoan (2001), Carneiro (2007), entre outros. Cabe ressaltar que a inclusão de autistas na escola vem sendo percebida, pelos gestores, como fator extremamente positivo, pois através desta, as crianças são capazes de viver e conviver com as diferenças, respeitando os limites e características de cada sujeito. No entanto, para que as premissas da inclusão escolar possam ser desenvolvidas e cumpridas, desafios são encontrados em torno desta trajetória, os quais vêm sendo ultrapassados e repensados pela comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Gestão Educacional; Inclusão; Autismo.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

# **EDUCATIONAL MANAGEMENT: THE INCLUSION OF AUTISM IN SCHOOL CONTEXT**

**AUTHOR: ADRIANA DEMARQUI ROSATO**

**ADVISER: NATÁLIA PERGHER MIRANDA**

Date and Local Defence: Tio Hugo, November 30, 2012.

Given a context of inclusion, the school faces different demands, having to meet each subject according to their "limitations and differences" and nurture the participation of those in the teaching-learning process, like any other student, in accordance with existing laws. Therefore, among the subjects watched the premises of educational inclusion are pupils with a syndrome of autism every day, it's getting more diagnoses. Thus, the concepts of Educational Management become part of this scenario, a fundamental role in the process of school inclusion. In this sense, I present this work, which is part of the research line Management School Organization, educational administrators' perceptions regarding the process of inclusion of autistic children in the school context. Therefore, it has as its main objective: Understand the challenges and potentials encountered by educational administrators of the city of Passo Fundo forward to the inclusion of autistic in the regular school system considering the current proposal for Educational Management. The research is based on qualitative and as an instrument for data collection interview reflective practice (SZYMANSKI, 2004), seeking to find ways that meet the objectives of the work. The data analysis was based on assumptions of Content Analysis (Bardin, 2009). As for the theoretical analysis was used as authors: Lück (2001), Revière (1995), Mantoan (2001), Carneiro (2007), among others. Note that the inclusion of autistic school has been perceived by managers as an extremely positive because through this, children are able to live and live with the differences, respecting the limits and characteristics of each subject. However, to the premises of the school inclusion can be developed and enforced, challenges are found around this trajectory, which are being exceeded and rethought by the school community.

**Keywords:** Educational Management; Inclusion; Autism.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AEE** – Atendimento Educacional Especializado

**ASA** – Associação Americana de Autismo

**ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** – Ministério da Educação

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PPP** – Projeto Político Pedagógico

**PNE** – Plano Nacional de Educação

**TEA** – Transtorno do Espectro Autista

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria



## **LISTA DE APÊNDICES**

<b>APÊNDICE A</b> – Carta de Apresentação aos entrevistados.....	37
<b>APÊNDICE B</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	38
<b>APÊNDICE C</b> – Instrumento para coleta de dados.....	40

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo I – ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 Caracterização teórico-metodológica.....	15
1.2 Contexto da pesquisa .....	16
<b>Capítulo II – GESTÃO PARA INCLUSÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo III – A INCLUSÃO DE AUTISTAS NA ESCOLA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Desvendando o “mundo autista” .....	22
3.2 Um autista na escola: “Ele é autista ou ser humano?” .....	24
<b>Capítulo IV – OS DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO PREOCES- SO DE INCLUSÃO DE AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Desde 1990, vem se discutindo, com ênfase, os problemas e demandas na educação, considerando as políticas educacionais e a organização escolar, as quais se transformam e se reorganizam de acordo com a configuração social em vigência. Assim, a educação torna-se um elemento fundamental à formação social e cultural dos indivíduos, sendo estes, capazes de, perante as singulares características, socializar-se e interagir no contexto em que estão inseridos.

Logo, para que se possa, de fato, alcançar os objetivos educacionais e sociais, desde então, políticas para a educação vem sendo elaboradas e reelaboradas como: a LDB de 1996 que reafirma a necessidade da existência de um plano nacional, quando institui a década da educação (artigo 87), incumbindo à União encaminhar, no prazo de um ano a partir da publicação dessa Lei, o Plano Nacional de Educação, com diretrizes e metas para os próximos dez anos, sintonizado com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

Em janeiro de 2001, foi sancionado o Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei nº. 10.172/2001 –, composto de um diagnóstico da realidade educacional brasileira e das diretrizes e das metas a serem executadas por todos os entes federados nos próximos dez anos. Trouxe, também, a obrigatoriedade de Estados, Distrito Federal e Municípios elaborarem seus respectivos planos decenais.

Dentre outras políticas de incentivo à educação, temos a formação docente, a qualificação profissional de jovens para o mercado de trabalho e os programas de incentivo ao Ensino Superior, bem como, as atuais políticas de educação inclusiva, as quais vêm possibilitando maior acessibilidade e a inclusão de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. Para fins deste estudo, é no cenário das políticas públicas de inclusão que esta pesquisa se constitui.

Frente a este panorama, a escola depara-se com diferentes demandas, tendo de atender cada sujeito de acordo com suas “limitações e diferenças”, oportunizando, assim, a participação destes no processo de ensino- aprendizagem, como qualquer outro aluno, em acordo com os dispositivos legais vigentes. Segundo Michels (2006), a nova política educacional brasileira envolve três temas centrais: gestão, formação de professores e inclusão, que indicam os parâmetros para a

estrutura política e organizacional das escolas no presente contexto. Sendo assim, a Gestão Educacional, é de extrema importância para a inclusão escolar, tendo como forma de atuação um processo de participação e construção coletiva, considerando o quantitativo e, principalmente, o qualitativo.

Neste sentido, é imprescindível a participação de todos os envolvidos no processo, exemplo: escola, nas tomadas de decisões e na metodologia proposta para que o objetivo "maior" possa ser alcançado. Também, ao falar em Gestão, esta, também, abrange aspectos ligados à Gestão Escolar que corresponde a ações desenvolvidas no contexto educacional e que desenvolve atividades de organização, planejamento e avaliação das práticas e objetivos, através do Projeto Político Pedagógico (PPP), proposto pela instituição.

Contudo, é fundamental compreender as premissas de Gestão Educacional proposta e necessária à organização escolar, as quais, também colaboram para a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no âmbito escolar.

Através da Inclusão, os alunos portadores de diferentes necessidades especiais têm o direito de ser inseridos no contexto escolar. De acordo com os artigos 8, 9 e 60 da LDB (BRASIL, 1996), referindo-se à Educação Especial, os alunos portadores de diferentes necessidades devem ser matriculados, preferencialmente, na rede regular de ensino, e quando necessário será disponibilizado apoio especializado, a fim de atender suas diferentes peculiaridades, prezando pela inclusão social e o desenvolvimento cognitivo, do aluno, no ambiente escolar. Da mesma forma, estas crianças não devem ser simplesmente "jogadas" na escola, é necessário o auxílio de todos, pois de maneira explícita, necessitam de mediação constante, para que possam ser incluídas no contexto educacional. De acordo com Cordié (1996), "esses alunos não funcionam conforme os esquemas habituais, eles desconcertam, eles inquietam e induzem a atitudes de rejeição" (p. 183).

Por alunos com necessidades especiais se entende os portadores de diferentes síndromes, dificuldades e deficiências. No estudo a ser apresentado será dado destaque a uma síndrome, a qual vem "ganhando", a cada dia, maior número de diagnósticos: o autismo, provocando a seu portador dificuldade de socialização, comprometimento em sua capacidade de comunicação e algumas deficiências cognitivas, dependendo do nível de desenvolvimento, da intervenção da família e de diferentes profissionais.

Segundo um estudo epistemológico sobre Autismo no Brasil, realizado pela Revista Autismo (2009), cerca de 0,3% da população de uma cidade teria algum tipo de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dado isso, haveria hoje no país pelo menos 570 mil pessoas com algum tipo de TEA.

Os números são alarmantes e, para que possamos incluir estas crianças que vem chegando, em números cada vez maiores nos espaços escolares, é fundamental que a escola tenha o apoio de uma gestão (pais, professores, alunos e funcionários) comprometida com a inclusão destas crianças na escola.

Neste sentido, a temática de que trata este estudo origina-se a partir de minhas inquietações perante a experiência de três anos de trabalho com sujeitos autistas, realizando atividades de cunho pedagógico e comportamental, e acompanhando seus desempenhos em um contexto de inclusão escolar. Tendo em minha “bagagem profissional” a experiência destas crianças em momentos de rejeição, como também de inserção escolar, e na busca de informações para que, de fato, possam ser incluídas e reconhecidas como sujeitos ativos em uma sociedade que considere e compreenda suas dificuldades e potencialidades, enfatizando a suma importância de uma gestão comprometida e dedicada a esta árdua e fascinante tarefa.

Sendo assim, contemplando uma das linhas de pesquisa do curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o presente trabalho tem como foco a linha de *Gestão da Organização Escolar*, objetivando *compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino, considerando a atual proposta de Gestão Educacional*.

A fim de contemplar aspectos relacionados e que contribuam para o objetivo deste trabalho, fazem-se necessários os objetivos específicos, os quais estarão sendo desenvolvidos no decorrer da pesquisa: Caracterizar a atual proposta de Gestão Educacional, diante do contexto de inclusão escolar; Estabelecer relações entre aspectos teóricos e práticos, no processo de inclusão de autistas na escola; Ressaltar os desafios e potencialidades encontradas, pelos gestores educacionais, durante o processo de Inclusão de autistas.

A metodologia empregada no trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa e, como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista de prática reflexiva

(SZYMANSKI, 2004), buscando identificar aspectos e depoimentos que viessem a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Posterior a coleta de dados, as entrevistas foram descritas e analisadas de acordo com as categorias de análise, tendo por base os pressupostos da Análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Dentre os autores evidenciados no decorrer do trabalho, para a confluência entre teoria e prática, foram utilizados os seguintes teóricos: Vieira (2006), Lück (2001), Montoan (2001), Revière (1995) e Carneiro (2007).

De modo, a conduzir os argumentos e demandas apontados no decorrer da pesquisa, esta monografia está organizada em capítulos, buscando localizar o leitor quanto ao desenvolvimento do trabalho, a constar: **Capítulo I**, busca evidenciar a trajetória metodológica percorrida, em que se delimitam e se justificam as escolhas metodológicas para a realização da coleta e análise dos dados, bem como, a Escola participante da pesquisa; **Capítulo II**, aborda as atuais concepções de Gestão Educacional e sua importância em um contexto de inclusão escolar; **Capítulo III**, abrange as relações teóricas e práticas no decorrer do processo de inclusão, buscando enfatizar algumas das características do Autismo, assim como, a experiência da escola perante a estes alunos tão peculiares; **Capítulo IV**, apresenta as percepções dos Gestores Educacionais, frente à inclusão de crianças autistas no ambiente escolar, enfatizando desafios e potencialidades encontrados no decorrer deste processo.

Por fim, serão evidenciadas as considerações finais, as quais trarão uma interpretação provisória, perante o problema de pesquisa, levando em consideração que o conhecimento adquirido, no decorrer deste processo, é inacabado, não sendo possível chegarmos de imediato à verdade, mas somente permite-se aproximações sucessivas que possibilitam sua reconstrução.

# CAPÍTULO I - ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

## 1.1 Caracterização teórico-metodológica

Toda pesquisa tem como ponto de partida uma tema/problema, para o qual busca-se, através do método científico, encontrar a resolução ou respostas para o mesmo. Pesquisar é, em si, um processo de aprendizagem. O pesquisador escolhe qual o tema a ser pesquisado, algo que talvez seja pequeno, mas profundo e que possa ser flexível, para assim fazer a interpretação das informações coletadas.

Sendo assim, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede particular de ensino de Passo Fundo, a qual possui entre seus alunos, crianças com necessidades educacionais especiais, e dentre estas, três alunos portadores de Autismo, bem como, dois alunos sob suspeita, aguardando diagnóstico. Para alcançar os objetivos, o estudo utilizou a pesquisa qualitativa, e como instrumento de coleta de dados à entrevista de prática reflexiva (SZYMANSKI, 2004), não sendo um roteiro “fechado”, tendo como ponto de partida uma pergunta desencadeadora, uma vez que “quem entrevista, tem informações e procura outras, assim com aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação” (SZYMANSKI, *op. cit.*, p. 12).

A entrevista de prática reflexiva foi realizada junto aos gestores educacionais, neste caso, com os pais, professores e funcionários respeitando o preceito de que todos na comunidade escolar fazem parte da gestão escolar. Além disso, a fundamentação teórica tornou-se indispensável, para o embasamento e aprofundamento dos dados coletados, bem como para atender às demandas da teoria/prática, e o poder da criticidade e reflexão sobre as ações metodológicas desenvolvidas.

Visando aprofundar os dados de pesquisa, é que a entrevista reflexiva de Szymanski (2004) entra como uma forte aliada, para rever conceitos e ideias, dos gestores, visto que podem nos trazer o parecer e o pensamento de cada um diante da temática apresentada. Partindo disso é que foram realizadas entrevistas semi-

dirigidas, com o intuito de que a análise das respostas coletadas, pudesse acrescentar ou contrapor a sondagem procedida até seu início.

Sendo assim, tendo o primeiro contato com os entrevistados, foi possível esclarecer os objetivos da pesquisa (Apêndice A) e, na oportunidade os participantes assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (Apêndice B).

O roteiro de entrevista (Apêndice C) foi elaborado de acordo com o objetivo central da pesquisa, *compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino considerando a atual proposta de Gestão Educacional*. Sendo assim, organizou-se categorias para análise e coleta de dados, a fim de direcionar e fundamentar o trabalho desenvolvido. Como categorias foram estabelecidas:

- Gestão Educacional e inclusão;
- Percepções dos Gestores Educacionais frente o processo de Inclusão de Autistas na rede regular de Ensino.

Logo, a fim de contribuir com a análise da coleta de dados, o embasamento teórico estabelece relações fundamentais para que tais tornem-se de fato significativas, partindo da idéia de que a fundamentação a torna válida e consistente. As leituras bibliográficas realizadas abarcam a temática abordada, desde o início do projeto, bem como, trazem novos conceitos, idéias e paradigmas observados e vivenciados por outros pesquisadores, que também exploram esta área. Estes recursos, então, se tornaram indispensáveis para suprir os objetivos e construir possíveis respostas a cerca das inquietações apresentadas.

A análise dos dados coletados baseou-se nos pressupostos da Análise de Conteúdo sugerido por Bardin (2009).

## **1.2 Contexto da pesquisa**

A pesquisa realizada tem como cenário uma escola particular da rede de ensino de Passo Fundo, a qual será denominada apenas por Escola, a qual oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental de 9 anos.



A escolha pela Escola fundamenta-se através do grande número de crianças portadoras de necessidades especiais que frequentam a Escola, em média uma por turma, também, a presença de um número significativo de crianças autistas (já diagnosticadas ou sob suspeita). Dentre as crianças autistas que frequentam o ambiente escolar, duas destas advêm de outras escolas de onde foram convidadas, pela direção, a retirar-se devido a suas condutas, consideradas inadequadas para permanecer em meio às crianças ditas “normais”. E que na atual Escola estão conseguindo interagir e avançar socialmente e cognitivamente, de forma gradativa.

Na Escola, estão matriculados alunos com diferentes necessidades educacionais especiais, estes estão distribuídos entre as turmas regulares, conforme a legislação de acordo com sua faixa etária. Ainda, na mesma, encontram-se três alunos portadores de Autismo, dois meninos com setes anos de idade, um frequenta o primeiro ano e, outro, o segundo ano do Ensino Fundamental e uma menina de 4 anos que frequenta a Educação Infantil. Os dois meninos não são verbais, ou seja, não se comunicam pela linguagem oral (fala), o que dificulta o trabalho docente e a interação com os colegas. Tal característica varia de acordo com cada criança, alguns autistas se comunicam verbalmente, já outros, não, o que, neste caso agrava uma de suas principais características: a dificuldade de socialização.

Assim, a Escola enfrenta, cotidianamente, os mais diferentes desafios impostos pela inclusão, barreiras são ultrapassadas e pré-conceitos repensados. Pais, professores, funcionários e alunos, gestores educacionais unem-se em prol da busca de alternativas e metodologias que beneficiem a inclusão destas crianças tão instigantes e peculiares no ambiente escolar.

## CAPITULO II - GESTÃO PARA INCLUSÃO

Com a Resolução n. 02/2001 que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, houve um avanço na perspectiva da universalização e atenção à diversidade, na educação brasileira, com a seguinte recomendação: Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para a educação de qualidade para todos. No entanto, devemos lembrar que *Inclusão* não diz respeito somente a crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, também inclui sujeitos “típicos”, mas com diferentes características e que advêm de diferentes contextos familiares, os quais estão em situação de vulnerabilidade e risco social.

Ressalta-se que não há uma definição comum sobre inclusão, havendo uma imensa diversidade de pessoas que a evocam como garantia de direitos. Ela está em vários lugares e diferentes contextos. Fala-se em inclusão social, digital, cultural, econômica, escolar, desinstitucionalização, dentre outras. No entanto, o que pode se afirmar a respeito de um conceito de inclusão, é que esta “estrutura-se para atender às necessidades de cada cidadão, das maiorias às minorias, dos privilegiados aos marginalizados” (WERNECK, 1998, p. 108).

Para que se garanta uma educação de qualidade para todos, frente a este contexto, é preciso estabelecer um foco de gestão para a inclusão, aliada a um trabalho competente, sendo capaz de mobilizar e transformar o sistema educacional, bem como, suas políticas para a educação inclusiva. Assim, a gestão constitui-se como referencial para as mudanças que se apresentam à educação inclusiva.

Tendo em vista as transformações políticas, sociais e as organizações dos sistemas de ensino, pode-se dizer que a concepção de Gestão passa a ter um novo significado perante as contemporâneas premissas de Gestão Educacional. De acordo com Lück:

Gestão é uma expressão que ganhou corpo no contexto educacional acompanhando uma mudança de paradigma no encaminhamento das

questões desta área. Em linhas gerais, é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento de seu trabalho. O conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos (LÜCK, 2001, p. 01).

Neste sentido, a Gestão Educacional pode ser compreendida como um processo coletivo de planejamento, organização e desenvolvimento do projeto político-pedagógico associado a um novo paradigma na educação, evidenciando diversificadas ideias e orientações a partir da compreensão da rede de relações que se estabelecem no contexto educacional, da complexidade, da dinamicidade e da ação transformadora da escola. Portanto, o enfoque da gestão fundamentado no diálogo e na participação supera a visão educacional singular e simplista, abrangendo um conjunto de responsabilidades de ordem pedagógica e da organização da educação. Para definir gestão educacional, Vieira afirma que:

Refere-se a um amplo aspecto de iniciativas desenvolvidas pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, seja em termos de responsabilidades compartilhadas na oferta de ensino ou de outras ações que desenvolvem no âmbito específico de sua atuação (VIEIRA, 2006, p. 35).

A *Gestão para Inclusão* tem como subsídio a atual proposta de gestão educacional, sendo esta fundamental para a inserção de crianças e jovens portadores de diferentes necessidades educacionais, não se limitando, apenas, em oferecer igualdade de oportunidades, mas revelando a importância da heterogeneidade no contexto escolar, agregando valores sociais, essenciais na convivência e na relação entre indivíduos em diferentes grupos.

Ao falarmos em “Inclusão Escolar”, não podemos deixar de citar a Gestão Escolar, a qual está diretamente ligada ao trabalho desenvolvido no contexto educacional. Sendo assim:

A gestão escolar constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino, orientados

para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento. Por efetiva, entende-se, pois, a realização de objetivos avançados, de acordo com as novas necessidades de transformação socioeconômica e cultural, mediante a dinamização da competência humana, sinergicamente organizada (LÜCK, 2001, p. 07).

A Gestão escolar está relacionada ao estabelecimento de ensino, neste caso a escola, tratando das incumbências que os mesmos possuem, bem como respeitando as normas comuns dos sistemas de ensino. Cada escola deve elaborar e executar sua proposta pedagógica; administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros; cuidar do ensino-aprendizado do aluno, proporcionando meios para a sua recuperação; e articular-se com as famílias e a comunidade, proporcionando um processo de integração, tendo como pressuposto um ensino de qualidade para todos.

Logo, a função social da escola definida na Constituição Federal (1988), expressa o direito de todos à educação esclarecendo que esse direito tem por objetivo o total desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho. Deste modo, a gestão deve garantir uma educação de qualidade para todos, considerando que a qualidade na educação é a promoção para todos do acesso ao conhecimento, ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), quando necessário.

As concepções de Gestão, presentes no âmbito escolar, tornam-se extremamente necessária para que crianças portadoras de autismo, assim como outros tipos de síndromes, deficiências ou dificuldades possam ser vistas como sujeitos pertencentes ao processo de ensino-aprendizagem, participando ativamente da sociedade, respeitando e moldando seus limites e potencialidades no decorrer do processo de inclusão escolar. Logo, a educação Inclusiva, em acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

[...] constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007, p. 01)

A inclusão de sujeitos autistas na escola está se tornando cada vez mais comum, e para que esta inclusão possa ocorrer de fato, é imprescindível a participação da comunidade escolar: pais compreensíveis, professores preparados buscando informações e aperfeiçoamento profissional, alunos dispostos a respeitar e interagir com “as diferenças”, e, equipe diretiva e funcionários, todos juntos pela inclusão, pela busca constante de informação e suporte pedagógico. Neste contexto, a gestão mostra sua importância e seu real significado na escola, sendo fator fundamental para que o diálogo e cooperação, indispensáveis entre os diferentes agentes educacionais, possa “fluir” e contribuir para este grande desafio, o qual vem se tornando frequente no ambiente escolar. Em acordo com Lück (2000), a educação, quanto ao contexto escolar, é complexa e exige uma maior organização do trabalho educacional, como também da participação da comunidade, visto que o estabelecimento de ensino deve promover a aprendizagem desses indivíduos sob prisma cognitivo, social e emocional.

## **CAPITULO III - A INCLUSÃO DE AUTISTAS NA ESCOLA**

### **3. Desvendando o “mundo autista”**

A síndrome do autismo está presente em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu, até agora, provar qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças, que possa causar a síndrome. No entanto, acredita-se que alguns possíveis fatores ambientais podem influenciar o “aparecimento” do Autismo como: doenças durante a gestação; doenças na infância; intolerância a alimentos; reações a vacinas e poluentes.

O autismo é uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. (GAUDERER, 2007, p. 03).

Ainda, o Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. Segundo a ASA (Associação Americana de Autismo), os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro, verificados pela anamnese ou presentes no exame ou entrevista com o indivíduo. Incluem: 1. Distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguística; 2. Reações anormais às sensações: as funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; 3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas: certas áreas específicas do pensar, presentes ou não, ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias, uso de palavras sem associação com o significado; 4. Relacionamento anormal com os objetivos, eventos e pessoas: respostas não apropriadas a adultos e crianças, objetos e brinquedos não usados de maneira devida. Estas são algumas das características pertencentes aos portadores da síndrome, no entanto, as mesmas não se manifestam de forma conjunta, ou seja, algumas crianças possuem

características mais explícitas que outras, por exemplo, na Escola pesquisada uma das crianças autistas morde-se com frequência em momentos de irritação ou como forma de “descarrego de energia”, já a outra criança não. No entanto ambos não são verbais, ou seja, não falam. As características variam de acordo com o desenvolvimento e a estimulação precoce de cada indivíduo.

Algumas crianças apesar de autistas apresentam inteligência e fala intactas, outras apresentam também retardo mental, mutismo ou importantes retardos no desenvolvimento da linguagem. Alguns parecem fechados e distantes outros presos a comportamentos restritos e rígidos padrões de comportamento.

Não há testes laboratoriais ou de imagem que possam diagnosticar o autismo, sendo assim, o diagnóstico deve ser feito clinicamente, pela entrevista e histórico do paciente em que as informações são “cruzadas” com as principais características da síndrome. Uma vez feito o diagnóstico, a criança deve ser encaminhada para um profissional especializado em autismo, e este se encarregará de confirmar ou negar o diagnóstico. Apesar do diagnóstico do autismo não poder ser confirmado por exames, as doenças que se assemelham ao autismo podem. Assim, vários testes e exames podem ser realizados com a finalidade de descartar os outros diagnósticos.

Dentre vários critérios de diagnósticos, três não podem faltar: poucas ou limitadas manifestações sociais, habilidades de comunicação não desenvolvidas, comportamentos, interesses e atividades repetitivos. Esses sintomas devem aparecer antes dos três anos de idade.

Como relatado por um casal de pais, participantes da pesquisa: *“a descoberta que seu filho é autista, torna-se muito complicada, cultiva-se durante algum tempo, ainda, a esperança de que ele irá recuperar-se completamente. Só depois é que nos conformamos com o diagnóstico e com a realidade”*<sup>1</sup>. Algumas famílias negam o problema e mudam de profissional até encontrar alguém que lhes diga outro diagnóstico. Já outros, após este período de aceitação, passam a procurar recursos e profissionais que possam auxiliar e orientar o desenvolvimento destas crianças.

---

<sup>1</sup> Para auxiliar o leitor a fazer a distinção entre as falas dos autores teóricos utilizados e as falas dos autores entrevistados que participaram da pesquisa, utiliza-se o recurso do itálico para estes. Apesar desta aparente distinção, considera-se de igual e fundamental importância as contribuições de ambas as partes, uma vez que de um advêm as fundamentações teóricas e do outro, as fundamentações práticas para os diálogos estabelecidos na análise dos dados e convergem para a construção do conhecimento vivenciado no cotidiano escolar.

Atualmente, há recursos para tornar as crianças autistas o mais independente possível. A intervenção precoce, a educação especial e inclusiva, o suporte familiar e, em alguns casos, medicações ajudam cada vez mais no desenvolvimento da educação de crianças autistas.

A escola tem papel crucial para o aprimoramento da principal característica autista: a dificuldade de socialização. É neste ambiente em que o indivíduo desfrutará de momentos de socialização e interação, ampliando o contato com crianças de sua idade, lugar aonde, ao seu modo, vai estabelecendo vínculos e ampliando seus laços sociais, afetivos e cognitivos.

### **3.1 Um autista na Escola: “Ele é autista ou ser humano?”**

O tema inclusão vem gerando muitos debates em nossa sociedade. Atualmente, diversificadas fontes discutem e escrevem a respeito do assunto, porém no momento de colocar a teoria em prática, encontram-se muitas barreiras a serem transpostas. Estas se manifestam em forma de preconceitos, paradigmas inadequados, medos, dúvidas e, até mesmo, em políticas, as quais teoricamente são repletas de boas intenções, mas que quando postas em prática são ineficientes para que a inclusão ocorra.

Sabemos que muitas escolas, ou até mesmo todas, possuem, entre seus alunos, crianças com algum tipo de necessidade especial. No município de Passo Fundo esta vem sendo uma realidade a cada dia mais comum, logo, dentre estas crianças estão os autistas. Hoje, tanto escolas públicas quanto particulares estão recebendo e apreendendo a lidar com estes sujeitos. No entanto, algumas escolas não estão conseguindo cumprir seu papel perante a inclusão, tendo dificuldades em lidar com suas condutas, suas singulares e características marcantes, já outras estão obtendo sucesso, e gradativamente incluindo alunos autistas em suas turmas regulares. É o caso da Escola participante desta pesquisa, a qual vem aprendendo a trabalhar diferentes aspectos presentes na síndrome do Autismo.

Da mesma forma, Cutler (2000) apresenta alguns critérios para a inclusão de autistas no meio escolar:



- O treinamento dos profissionais deve ser constante e a busca de novas informações um ato imperativo.
- A escola deve conhecer as características da criança e prover as acomodações físicas e curriculares necessárias.
- Deve-se buscar consultores para avaliar precisamente as crianças.
- A escola deverá preparar-se, bem como os seus programas, para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades.
- Os professores devem estar cientes que inclusive a avaliação da aprendizagem deve ser adaptada.
- É necessário estar consciente que para o autismo, conhecimento e habilidades possuem definições diferentes.
- É preciso analisar o ambiente e evitar situações que tenham impacto sobre os alunos e que as performances podem ser alteradas se o ambiente também for.
- A escola deverá prover todo o suporte físico e acadêmico para garantir a aprendizagem dos alunos incluídos.
- A atividade física regular é indispensável para o trabalho motor.
- A inclusão não pode ser feita sem a presença de um facilitador e a tutoria deve ser individual. Um tutor por aluno.
- A inclusão não elimina os apoios terapêuticos.
- É necessário desenvolver um programa de educação paralelo à inclusão e nas classes inclusivas o aluno deve participar das atividades que ele tenha chance de sucesso, especialmente das atividades socializadoras.
- A escola deverá demonstrar sensibilidade às necessidades do indivíduo e habilidade para planejar com a família o que deve ser feito ou continuado em casa.
- Ao passo que as pesquisas sobre o autismo forem se aprimorando, as práticas também deverão ser e por isso, é importante a constante atualização dos profissionais envolvidos (CUTLER, 2000, p. 56).

Segundo a coordenadora pedagógica da Escola:

*A vinda do primeiro aluno autista, na Escola, foi um momento de expectativa, pois até então, não sabíamos quais as reações e atitudes da criança, sendo assim, procuramos informações e cursos de formação que pudessem nos auxiliar. (COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA, 2012).*

Em um primeiro momento a Escola deu ênfase à socialização da criança com o restante da turma, de acordo com a diretora:

*Anterior à chegada da criança “especial”, pais, alunos, professores e funcionário foram preparados e informados a respeito das condutas mais comuns relacionadas ao autismo. É claro que para os alunos, por terem em média 6 anos de idade, de modo especial, esta troca de informações ocorreu de maneira mais lúdica e informal, inclusive a turma fez um cartão de boas vindas. Assim, a criança autista foi muito bem recebida. A recepção dos estudantes (da Escola) em relação a crianças com necessidades educativas especiais sempre nos surpreende e confirma a ideia de que nós*

*“os adultos” é que possuímos uma grande dificuldade em aceitar “o diferente” (DIRETORA DA ESCOLA, 2012).*

Visto isso, observa-se que as crianças nos ensinam como conviver e respeitar muito bem as individualidades de cada um e demonstram serem solidários, reconhecendo-os como colegas, amigos e parceiros de trabalho.

Dada a socialização, não pode-se deixar de lado a capacidade cognitiva destas crianças, como afirmam Kupfer e Petri:

As crianças autistas possuem ilhas de inteligência preservadas, que podem desaparecer caso não lhes ajudemos a lhes dar sentido. Podem por falta de sentido, direção, porque não são utilizadas para alcançá-las no Outro, desaparecer ou se transformar em estereotípias. Assim, a frequência a escola, acaba sendo um instrumento crucial, se não de crescimento, ao menos de conservação de capacidades já adquiridas (KUPFER e PETRI, 2000, p.116).

Desta forma, a partir do momento em que a criança autista adapta-se ao ambiente escolar e passa a “aceitar” a presença e o contato com o outro, procurou-se estabelecer um parâmetro de atividades, acompanhando a turma, de acordo com suas limitações e potencialidades.

Não temos condições de afirmar o quanto uma criança pode ou não aprender. O importante é que os professores entendam que existem diferenças individuais entre quaisquer crianças, existem preferências e ritmos de aprendizagem, e tudo isto deve ser levado em consideração e ser respeitado no momento da organização de ações educativas. Estas precisam estar ajustadas às necessidades educacionais dos alunos, sem que os conteúdos acadêmicos sejam prejudicados (MANTOAN, 2001, p. 24).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) definiu-se adaptações curriculares como sugestão à prática docente, permitindo ajustes às metodologias e conteúdos aplicados em sala de aula, assim como, a adequação de práticas educativas de acordo com peculiaridades de cada sujeito pertencente ao processo de ensino-aprendizagem, atendendo assim as diferentes demandas dos alunos na escola. Neste sentido, os professores podem adaptar atividades de acordo com as

características dos alunos autistas, como ocorre na Escola pesquisada. Segundo a professora: *“Se a criança, ainda, não consegue desenhar, nós trabalhamos a partir de recorte e colagem de figuras, o objetivo continua o mesmo, mas a metodologia torna-se flexível.”* (PROFESSORA DA ESCOLA, 2012).

Com o decorrer do tempo, a Escola percebeu que somente a professora com a turma inclusiva, em alguns casos, não é suficiente. Por isso, foram contratadas monitoras, que auxiliassem a turma, quando necessário. De acordo com a Diretora da Escola: *“O que se pensa é que em alguns momentos a criança Autista necessita de uma atenção contínua e exclusiva, assim não se pode deixar de lado o restante da turma, é nestas situações que a monitora é fundamental”* (DIRETORA DA ESCOLA, 2012).

Outro aspecto crucial refere-se à união e à colaboração família/escola. Ambas as instâncias devem trabalhar, juntas, em um diálogo constante. Neste sentido, os gestores passam a trocar informações que vêm ao encontro do desenvolvimento e do crescimento da criança autista. Na Escola pesquisada, alguns pais buscam auxiliar, sempre que necessário, os profissionais envolvidos na educação e aprendizagem de seus filhos, como exemplo, um dos pais entrevistados, que buscou uma assessora especializada em outra cidade para que pudesse auxiliar a Escola em dificuldades encontradas no decorrer do processo de inclusão.

Um fato que merece destaque são as atitudes das crianças pertencentes às turmas inclusivas, frente ao colega Autista, conforme o depoimento revela:

*Não há preconceito ou discriminação com o colega “especial”, o mesmo é visto como mais um membro da turma, se ele grita, ninguém volta a atenção a ele, todos continuam concentrados executando suas atividades, as meninas escrevem cartinhas para ele. Há dias atrás fui questionada com a pergunta mais “pura e inocente” que poderia ouvir de uma criança de seis anos referente ao aluno Autista: - “Prô, ele é autista ou ser humano?” Confesso ter ficado pasma perante a pergunta, mas respondi naturalmente: “- Ele é autista e ser humano.”* (PROFESSORA DA ESCOLA, 2012)

Incluir uma criança autista não é tarefa fácil, todos os gestores: pais, alunos, professores e funcionários são desafiados a aprender a conviver com as diferenças, em uma sociedade sem informação, o que conseqüentemente gera o preconceito.

## CAPITULO IV - OS DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Incluir uma criança portadora de autismo na escola regular não é tarefa fácil, e sim uma “missão” desafiadora e instigante, mas que ao final, a evolução social e cognitiva desta, por mais simples que seja, é comemorada como uma “vitória”. Estar em uma instituição de ensino regular vai muito além de cumprir a lei inclusiva. Para os autistas, a Escola é uma organização social que os permite estabelecer laços sociais e afetivos, possibilitando e propiciando a interação com o meio e com o outro. Neste sentido:

Preconizar a ida à escola [...] é mais do que um mandamento político, que reza sobre os direitos dos cidadãos [...] ir à escola, para a criança, tem valor terapêutico. Ou seja, a escola pode contribuir para a retomada ou a reordenação da estrutura perdida do sujeito. Este alvo que não consta na política inclusiva, é o diferencial presente no eixo da inclusão proposto pela educação terapêutica. (KUPFER, 2001, p. 90).

Com vistas nisso, a escola é fundamental para o desenvolvimento das crianças portadoras de autismo, já que “a escola é uma instituição poderosa quando lhe pedem que assuma uma certidão de pertinência: quem está na escola pode receber o carimbo de “criança”” (KUPFER, 2001, p. 92).

Cabe ressaltar que durante o processo de inclusão de crianças autistas, no contexto escolar, é possível detectar uma série de desafios. No entanto, aspectos positivos, que potencializam esta trajetória social e cognitiva, também são evidenciados. Uma das professoras da Escola acredita que “a inclusão é extremamente positiva, uma vez que os autistas necessitam do convívio social para viverem de maneira harmônica, visto que a inclusão tem por objetivo inserir sem distinção.” (PROFESSORA DA ESCOLA, 2012). Do mesmo modo, outra professora afirma:

*A criança autista não pode ser vista de forma diferenciada. Os estudantes portadores de autismo (assim como os demais, não portadores) são alunos da Escola e como tal, recebem todo o incentivo e atenção dos professores, direção e coordenação, visando que todas as suas demandas sejam atendidas. (COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA, 2012)*

O desafio inicial enfrentado no processo de inclusão diz respeito ao ser “diferente”, não pela parte das crianças/colegas - é claro que devido a algumas condutas, elas pedem explicações a professora -, mas sim em relação aos adultos - neste caso, os pais. O primeiro contato com a criança autista faz com que seja possível perceber o comportamento atípico destes sujeitos: estereotípias<sup>2</sup>, gritos, e até mesmo, em alguns casos, a agressividade. Suplino (2005) evidencia que as diferenças, especialmente as incomuns, inesperadas e bizarras, sempre atraem a atenção das pessoas, despertando, por vezes, temor e desconfiança. Nestes casos, o diálogo entre os gestores educacionais é fundamental para esclarecer, aos pais, questões inquietantes a respeito de certos comportamentos. Na Escola, ao perceber a instigação de alguns pais, os mesmos são convidados a conversar, para esclarecer suas dúvidas em relação a atitudes e comportamentos das crianças autistas, assim como ocorre com qualquer outro aluno da Escola. Segundo os pais:

*O preconceito inicial pode ser percebido, mas nada como a informação em relação à síndrome para que o mesmo “vá desaparecendo”. O que geralmente ocorre é um sentimento de empatia, assim gradativamente os adultos vão aprendendo a lidar com determinadas situações e procuram junto à Escola respostas às suas dúvidas. (PAI DE UM MENINO AUTISTA DA ESCOLA, 2012)*

Para alguns professores, ter uma criança “especial” na sala pode ser perturbador, instigante ou estimulante, pois muitas vezes é abstruso detectar suas preferências em determinadas atividades ou se chora, porque está chorando? Sabe-se que os autistas têm dificuldade em expressarem-se oralmente, principalmente os não-verbais, assim demonstram seus sentimentos e sensações através de reações,

---

<sup>2</sup> Comportamentos estereotipados, de acordo com Suplino (2005), são comportamentos bizarros como sons estranhos, gritos, maneirismos com as mãos, movimentos do corpo, além de agressões dirigidas a si mesmas. Tais comportamentos são denominados auto-estimulatórios e auto-agressivos, respectivamente.

muitas vezes inesperadas, as quais se transformam em choro, riso desmotivado, agressões ou auto-agressões e gritos. Cabe aos gestores compreender e identificar determinadas situações, bem como, será somente através da experimentação para detectar suas atividades favoritas, observando sua expressão facial e corporal do decorrer das atividades propostas. Nunes, Ferreira e Mendes (2003), ao analisarem um conjunto de 59 teses e dissertações defendidas em várias universidades, constataram a questão dos recursos humanos como um dos pontos centrais para a integração ou inclusão escolar. Com isso, os gestores educacionais, diretamente envolvidos no processo de inclusão escolar, são cruciais para que os objetivos da mesma possam ser alcançados.

É fundamental que as crianças autistas não sejam tratadas com indiferença a respeito das regras presentes na escola, a construção de limites é essencial. Em relato:

*No início foi desafiador possibilitar a compreensão e o entendimento das regras da Escola. É difícil para os autistas entender e aceitar o significado da palavra "NÃO", como também, alterar a rotina da qual estava acostumado a participar, a reação ocorreu de várias formas (grito, choro e agressão), no entanto, passada a fase da compreensão este aspecto se torna extremamente positivo, potencializando a trajetória educacional da criança autista (PROFESSORA DA ESCOLA, 2012).*

A adaptação curricular é outro aspecto que potencializa a inclusão escolar, pois através desta é possível trabalhar atividades cognitivas de acordo com as preferências e peculiaridades de cada criança. Segundo Rivière (1984), a tarefa educativa de uma criança autista põe à prova os recursos e as habilidades de um professor. A promoção da aprendizagem é a principal função do docente e deve ser sempre o objetivo da prática pedagógica com os alunos autistas.

Outro fator que tem merecido destaque é a socialização da criança autista. Na escola a criança passa a perceber a presença e a interação do outro, aos poucos vai aprendendo a viver em sociedade.

*É fascinante observar a forma de interação dos alunos com o colega autista, a todo o momento estão emprestando materiais, o convidam para brincar, entendem, quando explicado, determinados comportamentos e por mais que não obtenham resposta, dialogam normalmente, fazem perguntas e explicam brincadeiras (PROFESSORA DA ESCOLA, 2012).*

É na escola que a criança põe em prática as condutas disponíveis e tira novos meios para poder agir e interagir em sociedade. Logo, deve ficar claro que ao falarmos em educação para autistas, esta não se refere somente ao aprendizado acadêmico, mas sim a um aprendizado global, que inclua habilidade social: linguagem, comunicação, comportamento adaptativo e redução de comportamentos atípicos. Este processo requer a união e o constante diálogo entre pais, alunos, professores e profissionais extra-escolares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou *compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino, considerando a atual proposta de Gestão Educacional.*

Em um primeiro momento, procurou-se compreender a importância, bem como, a relação entre *Inclusão e Gestão Educacional*, ambas foram enfatizadas como, juntas, norteadoras do trabalho educacional, sendo que através da participação, do diálogo e do comprometimento dos gestores na Escola, é possível desenvolver práticas que promovam o desenvolvimento social, emocional e cognitivo de crianças portadoras de diferentes necessidades educacionais.

Neste sentido, a Gestão Educacional ocorre mediante a participação de todos os segmentos da escola (professores, funcionários, pais e alunos). Todos estes gestores estão envolvidos, diretamente ou indiretamente, no processo de aprendizagem ao qual cada aluno se encontra. Portanto, conhecer cada um, suas particularidades e características, é fundamental para que possam planejar, em conjunto, situações significativas. Assim como, ao incluir crianças Autistas na escola, as premissas de Gestão são postas em prática, no decorrer deste processo, pois os Autistas são “uma caixinha de surpresas”, é preciso informação, apoio, dedicação e persistência para adequá-los a escola e vice-versa.

Outro aspecto central diz respeito ao comprometimento e o diálogo presente entre os gestores. Assim, dúvidas vão sendo esclarecidas e práticas pedagógicas são aprimoradas, a fim de possibilitar o desenvolvimento social e cognitivo do aluno autista.

Cabe ressaltar que a inclusão de autistas no âmbito escolar, vem sendo percebida, pelos gestores, como fator extremamente positivo, pois através desta, as crianças são capazes de viver e conviver com as diferenças, respeitando os limites e características de cada sujeito. Do mesmo modo, metodologias vão sendo adaptadas e reestruturadas de forma que atendam as demandas do processo ensino-aprendizagem.



Por outro lado, para que os objetivos da inclusão escolar possam ser desenvolvidos e atingidos, desafios são encontrados em torno desta trajetória, os quais vêm sendo ultrapassados e repensados pela comunidade escolar. A falta de informação gera o preconceito, assim detecta-se este como um dos principais desafios da inclusão.

Aprender a contornar situações comportamentais comuns aos portadores de autistas, nos leva a refletir nossas práticas e limites, incumbindo-nos a busca de alternativas metodológicas que possibilitem ao aluno autista compreender regras de convivência e em grupo, oportunizando a socialização e a construção de novos aprendizados.

Logo, a evolução social, afetiva e cognitiva é um grande potencial ressaltado durante este processo, sendo que através da escola os alunos autistas têm a oportunidade de vivenciar diferentes sensações e experiências, interagindo com o meio e com o outro.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. promulgada em 05 de Outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 03 abr. 2012.

\_\_\_\_. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases para Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 31 mar. 2012.

\_\_\_\_. **Lei nº 10.172**, de 09 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm)>. Acesso em 01 abr. 2012.

\_\_\_\_. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (2007)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 20 out. 2012.

\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> >. Acesso em: 20 out. 2012.

Conselho Nacional de Educação - **Câmara de Educação Básica** Resolução CNE/CNB n.2 de 11 de setembro de 2001 - Brasília.

CORDIÉ, A.. **Os atrasados não existem**: Psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CUTLER, B; DOROTY, L. **Intervenção Estimulação naturalista Focada para Deficiências comunicativas no Autismo**. Osspeac. Huron, OH; 2000.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: guia prático para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Revinter; 1997.

KUPFER, M. C. M. e PETRI, R. Porque ensinar a quem não aprende? Estilos da Clínica: **Revista sobre a infância com problemas**, 9 (V). São Paulo, 2000.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro**. São Paulo: Ed. Escuta, 2001.

LUCK, Heloísa (org). **Gestão escolar e formação de gestores**. Em **Aberto**, Brasília, v. 17, n. 72, fev./jun. 2000.

\_\_\_\_\_. **Gestão educacional**: uma questão paradigmática. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Evolução da Gestão Educacional a partir da Mudança Paradigmática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANTOAN, M.T.E. **Caminhos pedagógicos da inclusão**: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnon, 2001.

MICHELS, M. H. Gestão, Formação Docente e Inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que contribuem contornos à educação escolar. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro; ANPED: Campinas, Autores associados, V XI, n 33, set/dez., 2006, p.406-423.

NUNES, D. R. Efeitos dos procedimentos naturalísticos no processo de aquisição de linguagem através de sistema pictográfico de comunicação em criança autista. In: NUNES, L. R. (org.). **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.

REVISTA AUTISMO. **Autismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

REVIÈRE, A. O Desenvolvimento e a educação da criança autista. In: Coll, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades Educativas e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 3. 1995.

SUPLINO, M. **Currículo Funcional Natural**: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental. Maceió: ASSISTA, 2005.

SZYMANSKI, H. (Org.); ALMEIDA, L. R.; PRADINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

WERNECK, C. **Acorda, Monstro!** Escritos da Criança, Porto Alegre, nº 5, p.107-112,1998.

VIEIRA, S. L. Educação e gestão: extraindo significados da base legal. In: LUCE, M. B.; MEDEIROS, I. L. P. **Gestão escolar democrática**: concepções e vivências. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p.27-42.

## APÊNDICE A – Carta de Apresentação aos Entrevistados



Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – CE/UFSM  
Curso de Pós-Graduação a Distância em  
Gestão Educacional  
Pólo Educacional Tio Hugo/RS

### Prezado(a) Gestor Educacional

Sou Adriana Demarqui Rosato e estou fazendo esta pesquisa, que é parte do meu curso de especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria.

O objetivo dessa pesquisa é compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino, considerando a atual proposta de Gestão Educacional.

Desta forma, gostaria de saber sobre suas percepções sobre a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar.

Para a obtenção dessas informações, é preciso conversar e eu gostaria de saber se poderia dispor de um tempo para isso, sem prejudicar seu trabalho ou seu descanso.

Como considero muito importante tudo o que for dito na nossa conversa, gostaria de gravá-la, com sua permissão, mas já adianto que só eu e minha orientadora teremos acesso ao que for dito, e, no meu trabalho final, usarei nomes fictícios, sem identificações dos participantes e apenas trechos de nossa conversa. Além disso, você será a primeira pessoa a ouvir a fita e ler a transcrição e, se desejar, poderá retirar dela o que achar necessário. Portanto, teremos de nos reunir após a transcrição, caso tenha interesse. Você terá acesso, sempre que desejar, a todos os dados referentes aos seus depoimentos, e, também, ao trabalho final.

Sinta-se à vontade para colaborar com este estudo.

Atenciosamente,

Passo Fundo, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Adriana Demarqui Rosato

---

Direção da Escola

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – CE/UFSM  
Curso de Pós-Graduação a Distância em  
Gestão Educacional  
Pólo Educacional Tio Hugo/RS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para obtenção do título especialista em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação a distância do Centro de Educação da UFSM, a acadêmica de especialização **Adriana Demarqui Rosato**, desenvolve a pesquisa intitulada “Gestão Educacional: A inclusão de autistas no contexto escolar”, sob a orientação da Professora Mestre Natália Pergher Miranda.

A pesquisa objetiva compreender os desafios e as potencialidades encontradas pelos gestores educacionais do município de Passo Fundo frente à inclusão de autistas na rede regular de ensino considerando a atual proposta de Gestão Educacional. Para isso, será realizada uma entrevista, composta de uma questão desencadeadora e, aproximadamente, outras sete questões de apoio.

Informa-se que a identidade do entrevistado será mantida em sigilo, e que os dados coletados estarão sob os cuidados dos pesquisadores responsáveis.

Confirma-se que a participação do entrevistado neste estudo é livre. O estudo oferece um risco mínimo, podendo causar desconforto ou intimidação durante a entrevista, portanto, o entrevistado pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Caso aconteça, fica assegurado o direito de desistir sem qualquer prejuízo.

A participação do entrevistado neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, contribui para ampliar os conhecimentos sobre o tema. Os dados coletados ficarão em completo sigilo.

Os dados serão utilizados para a execução do presente projeto.

Garante-se o compromisso da pesquisadora que os dados serão utilizados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no presente projeto de forma anônima, exceto mediante autorização, permitindo que sejam utilizados em publicações posteriores, desde que mantenham a identificação do entrevistado de forma anônima.

O entrevistado tem o direito de tirar suas dúvidas a qualquer momento sobre o andamento da pesquisa, tendo a garantia de que todas as suas perguntas serão respondidas.

A pesquisadora compromete-se em esclarecer, devida e adequadamente, qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente, através dos telefones: (54) 9916 3479; via e-mail [adrirosato@gmail.com](mailto:adrirosato@gmail.com); ou, ainda, através do endereço: Rua Saldanha Marinho, 855, centro, na cidade de Passo Fundo.

Eu, \_\_\_\_\_, ciente do que foi exposto, acredito ter sido informado de maneira satisfatória à respeito da pesquisa, tendo ficado claro os propósitos do estudo, assim como os procedimentos, seus riscos e benefícios, a garantia de confidencialidade e esclarecimentos.

Concordo em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem acarretar qualquer dano e/ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Sim  Não

Em caso positivo: Concordo com a utilização das minhas falas, sem identificação do meu nome, apenas com nome fictício em publicações associadas.

Sim  Não

Declaro que recebi cópia do termo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Passo Fundo, RS, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do entrevistado

---

Assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE C – Instrumento para Coleta de dados



Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação – CE/UFSM  
Curso de Pós-Graduação a Distância em Gestão  
Educativa  
Pólo Educacional Tio Hugo/RS

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome: \_\_\_\_\_

Grau de participação na escola: ( ) pais ( ) professores ( ) Funcionários

#### Questão Desencadeadora:

- 1) Como você percebe a inclusão de crianças portadoras de autismo no contexto escolar?

#### Questões de Apoio:

- 2) O que você entende por Gestão Educacional e qual sua relação ou importância na inclusão de crianças portadoras de autismo no contexto escolar?
- 3) Qual o papel dos gestores educacionais no decorrer do processo de inclusão?
- 4) Como ocorreu a aceitação da comunidade escolar perante a inclusão de uma criança autista em classe regular de ensino?
- 5) Quais os desafios encontrados durante o processo de inclusão de autistas?
- 6) Quais as potencialidades encontradas durante o processo de inclusão de autistas?
- 7) Existe algum tipo de assessoria na escola, para que a comunidade escolar melhor compreenda estas crianças?
- 8) Em seu ponto de vista, há um trabalho em equipe, visando à gestão, para atender as demandas destas crianças?